

Profa. Ragusa

1º. Sem/2024

“Lírica” Grega

ANTOLOGIA DE MÉLICA GREGA ARCAICA – 5: O TRENO

SIMÔNIDES (ILHA DE CEOS, C. 556-468 A.C.), PÍNDARO (TEBAS, C. 518-446 A.C.)

traduções e textos gregos.

Edições de autoridade dos fragmentos:

MAEHLER, H. (ed.). *Pindarus – pars II: fragmenta, indices*. Leipzig: Teubner, 1989.

PAGE, D. L. (ed.). *Poetae melici Graeci*. Oxford: Clarendon, 1962.

Bibliografia das traduções:

RAGUSA, G. (org., trad.). *Lira grega: antologia de poesia arcaica*. São Paulo: Hedra, 2013.

https://www.academia.edu/10936384/_Afrodite_nos_simp%C3%B3sios_de_Baqu%C3%ADides_e_P%C3%ADndaro

RAMOS, P. E. da S. (trad. e notas). *Poesia grega e latina*. São Paulo: Cultrix, 1964.

SIMÔNIDES – TRENOS (Trad. Ragusa 2013)

Fr. 520

ἀνθρώπων ὀλίγον μὲν
κάρτος, ἄπρακτοι δὲ μεληδόνες,
αἰῶνι δ' ἐν παύρῳ πόνος ἀμφὶ πόνωι·
ό δ' ἄφυκτος ὄμως ἐπικρέμαται θάνατος·
κείνου γὰρ ἵσον λάχον μέρος οἴ τ' ἀγαθοὶ
ὅστις τε κακός.

Dos homens, frágil
a força, vãs as ânsias,
e em curta existência, fadiga sobre fadiga;
e a inevitável morte lhes sobrepara similmente,
pois dela igual quinhão obtêm os bons
e cada um dos ignóbeis.

Fr. 521

ἄνθρωπος ἐών μή ποτε φάσηις ὅ τι γίνεται [αὔριον],
μηδ' ἄνδρα ἴδων ὅλβιον ὅσσον χρόνον ἔσσεται·
ώκεια γὰρ οὐδε τανυπτερύγου μυίας
οὔτως ἀ μετάστασις.

Humano sendo, não digas nunca o que advirá amanhã,
Nem, após ver um homem feliz, por quanto tempo o será.
assim célebre – nem longialada mosca! –
a mudança.

PÍNDARO – TRENOS

Fr. 129

τοῖσι λάμπει μὲν μένος ἀελίου
τὰν ἐνθάδε νύκτα κάτω,
φοινικορόδοις <δ’> ἐνὶ λειμώνεσσι προάστιον αὐτῶν
καὶ λιβάνων σκιαρᾶν < >
καὶ χρυσοκάρποισιν βέβριθε <δενδρέοις> 5
καὶ τοὶ μὲν ἵπποις γυμνασίοισι <τε_>
τοὶ δὲ πεσσοῖς
τοὶ δὲ φορμίγγεσσι τέρπονται, παρὰ δέ σφισιν
εύανθὴς ἄπας τέθιαλεν ὅλβος·
οδμὰ δ’ ἐρατὸν κατὰ χῶρον κίδνιαται
ταίει. .θύματα μειγμύντων πιυρὶ τηλεφανεῖ
<παντοῖα θεῶν ἐπὶ βωμοῖς> 10

Enquanto aqui é noite,
o sol fulgura vigoroso para eles
no mundo subterrâneo;
e diante da cidade,
pelos campos de rosas carmesins, o incenso
derrama a sua sombra,
e os ramos vergam-se com os frutos de ouro.
Uns se divertem com cavalos ou lutando,
Enquanto jogam outros, ou a lira tocam,
e entre eles a felicidade é como a árvore
que já cresceu de todo e se acha em flor.
Por essa terra amável
um doce aroma sem cessar espalha:
nos altares dos deuses eles mesclam
arômatos de toda espécie
ao fogo que de longe brilha.

(Trad. Ramos, 1964)

SIMÔNIDES, ENCÔMIO TRENÓDICO OU TRENO – Fr. 531 (“Ode aos mortos em Termópilas”) (trad. Ragusa 2013)

τῶν ἐν Θερμοπύλαις θανόντων
εὐκλεής μὲν ἀ τύχα, καλὸς δ' ὁ πότμος,
βωμὸς δ' ὁ τάφος, πρὸ γώων δὲ μνᾶστις, ὁ δ' οἰκτος ἔπαινος·
ἐντάφιον δὲ τοιοῦτον οὕτ' εύρως
οὕθ' ὁ πανδαμάτωρ ἀμαυρώσει χρόνος.
ἀνδρῶν ἀγαθῶν ὅδε στκὸς οἰκέταν εὔδοξίαν
Ἐλλάδος εἴλετο· μαρτυρεῖ δὲ καὶ Λεωνίδας,
Σπάρτας βασιλεύς, ἀρετᾶς μέγαν λελοιπώς
κόσμου ἀεναόν τε κλέος.

Dos mortos em Termópilas,
bem gloriosa a fortuna, belo o destino,
um altar o sepulcro, e em vez de lamento, memento; de pesar, louvor:
tal mortalha nem o bolor,
nem o tempo que tudo doma dissiparão.
Este santuário de nobres varões elegeu a boa reputação
da Hélade como sua habitante; e Leônidas o testemunha,
de Esparta o rei, ao ter legado grande adorno
de excelência e perene glória.

MITO E LAMENTO – FR. 543 (“A nênia de Dânae”)

<p>ὅτε λάρνακι ἐν δαιδαλέαι ἄνεμός τε ἡμην† πνέων κινηθεῖσά τε λίμνα δείματι ἔρειπεν, οὐκ ἀδιάντοισι παρειαῖς ἀμφὶ τε Περσέι βάλλε φίλαν χέρα εἴπεν τ'. ὃ τέκος οἴον ἔχω πόνον· σὺ δ' ἀτεῖς, γαλαθηγῶι δ' ἥθεϊ κνοώσσεις ἐν ἀτερπεί δούρατι χαλκεογόμφῳ <τῶι>δε νυκτιλαμπεῖ, κυανέωι δνόφῳ ταθεῖς· ἄχναν δ' ὑπερθε τεᾶν κομᾶν βαθεῖαν παριόντος κύματος οὐκ ἀλέγεις, οὐδ' ἀνέμου φθόγγον, πορφυρέαι κείμενος ἐν χλανίδι, πρόσωπον καλόν. εἰ δέ τοι δεινὸν τό γε δεινὸν ἦν, καί κεν ἐμῶν ὥημάτων λεπτὸν ὑπεῖχες οὐδας. κέλομαι δ', εῦδε βρέφος, εὐδέτω δὲ πόντος, εὐδέτω δ' ἄμετρον κακόν· μεταβούλια δέ τις φανείη, Ζεῦ πάτερ, ἐκ σέο· ὅτι δὲ θαρσαλέον ἔπος εῦχομαι ἢ νόσφι δίκας, σύγγνωθί μοι</p>	<p>5 10 15 20 25</p>	<p>..., quando na dedálea arca o vento ventando e o mar se encrespando abateram-na com o terror; com faces não enxutas, ela lançou os braços em volta do caro Perseu, e disse: “Ó filho, que dor tenho! Mas tu dormes bem, e com lácteo coração repousa no lúgubre lenho de brônzeas cavilhas, e na noite brilha, estendido na escuridão azul; a funda espuma – enquanto sobre teus cabelos a onda passa – não te preocupa, nem do vento o ressoar, tu, jazendo em purpúrea manta de lã, belo rosto! Se para ti fosse temível o terror de fato, sob minhas palavras, segurarias teu pequeno ouvido. Digo: dorme, infante, durma o mar, durma o imensurável mal! Que surja alguma mudança, ó Zeus pai, de ti; e qualquer palavra insolente ou apartada da justiça, peço, perdoa-me ...”</p>
--	--------------------------------------	--